



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFPG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO: O CASO DO
MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB**

NATÁLIA KÉSIA DE CALDAS OLIVEIRA

**CAJAZEIRAS - PB
2023**

NATÁLIA KÉSIA DE CALDAS OLIVEIRA

**TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO: O CASO DO
MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras – PB, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Medeiros de Araújo

**CAJAZEIRAS - PB
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

O482t	<p>Oliveira, Natália Késia de Caldas Transformações e permanências no espaço urbano: o caso do mercado central de Cajazeiras-PB / Natália Késia de Caldas Oliveira. - Cajazeiras, 2023. 43f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Luciana Medeiros de Araújo. Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Espaço urbano. 2. Mercado público. 3. Circuito inferior. 4. Mercado Central – Cajazeiras-Paraíba. 5. História local. 6. Comerciantes. 7. Feira livre. I. Araújo, Luciana Medeiros de. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS 911.375.1</p>	CDU –
-------	--	-------

NATÁLIA KÉSIA DE CALDAS OLIVEIRA

TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO: O CASO DO
MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras – PB, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª Luciana Medeiros de Araújo - CFP - UFCG
(Orientadora)

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão– CFP
- UFCG (Examinador Titular Interno)

Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos CFP – UFCG
(Examinador Titular Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, ele que dos tesouros da sua sabedoria tirastes um pouco de si e pusestes nos homens, que são a sua imagem e semelhança. Ele que me ensinou a começar este trabalho, guiou-me no continuar quando eu mesma desacreditava de mim, e me fez perseverar até o fim.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Simone que sempre acreditaram e torceram pela minha formação acadêmica, que sempre olharam para mim com olhar de orgulho e me motivaram a continuar.

Ao meu noivo Robson Vieira, por todo amor, carinho e paciência. Agradeço imensamente por toda a contribuição na construção e melhoria do meu trabalho, me ajudando a melhorar a escrita e me motivando a ser melhor. Sua ajuda foi fundamental nesse percurso.

Aos professores do curso de Geografia, em especial a professora Luciana Medeiros, que prontamente aceitou me orientar e que com seus ensinamentos, experiências e principalmente a paciência que teve comigo ao longo de tantos períodos. Sua colaboração foi imensa na elaboração desta monografia.

Aos comerciantes do mercado central de Cajazeiras pelas entrevistas, conversas, disponibilidade e gentileza para atender as solicitações cabíveis ao trabalho.

Todos foram fundamentais para a realização desta monografia e ficarão lembrados nesse momento tão especial que é a formação acadêmica. Muito obrigada a todos.

RESUMO

Neste trabalho, propomos uma discussão para entender as transformações ocorridas no Mercado Central de Cajazeiras-PB (MCC) partir do estudo de sua organização socioespacial. Para isso, realizamos um breve resgate histórico do surgimento do MCC e do desenvolvimento do comércio da cidade. Além disso, construímos um questionário semiestruturado, o qual foi utilizado para entrevistar os comerciantes que se disponibilizaram em colaborar com este trabalho. Considerando os referenciais teóricos e os relatos dos comerciantes entrevistados, nos aponta que, para além de sua função comercial, uma reforma na estrutura do MCC devolveria à cidade de Cajazeiras-PB um pouco de sua história, pois, como veremos ao longo deste trabalho, o mercado se constitui, para a população local, um patrimônio cultural, carregado de significado tanto para a memória, quanto para a história local.

Palavras-Chave: Espaço urbano; Mercado público; Circuito inferior.

ABSTRACT

In this work, we propose a discussion to understand the transformations occurred in the Central Market of Cajazeiras (CMC) from the study of its socio-spatial organization. For this, we conducted a brief historical review of the emergence of the CMC and the development of the city's commerce. Moreover, we built a semi-structured questionnaire which was used to interview traders who made themselves available to cooperate with this work. Considering the theoretical references and the reports of the traders interviewed, points out that, furthermore to its commercial function, a reform in the structure of the CMC would give back to the city of Cajazeiras a little of its history, because, as we will see throughout this work, the market is, for the local population, a cultural heritage, loaded with meaning for both memory and local history.

Keywords: Urban space; Public market; Lower circuit.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Mercado Público Central de Cajazeiras-PB.....	19
Figura 2 - Mercado Público de São João do Rio do Peixe – PB	21
Figura 3 - Mercado Público de São José dos Cordeiros-PB	22
Figura 4 – Rua Padre José Tomaz nos anos 1890	25
Figura 5 - Rua Padre José Tómas nos anos de 1960	25
Figura 6 - Porta de entrada do MC pela travessa Santa Terezinha	26
Figura 7 - Corredores (a) direito e (b) esquerdo a galeria principal.....	28
Figura 8 - Espaço para alimentação.....	29
Figura 9 - Boxes abandonados e Depósitos.....	30
Figura 10 - Caixa d'água dentro do MCC	31
Figura 11 - (a) Porta lateral esquerda do Mercado Central e (b) Local da porta totalmente fechado por tijolos.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O CIRCUITO DA ECONOMIA URBANA.....	10
2.1. OS MERCADOS PÚBLICOS E O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES.....	1
2.2. O MERCADO PÚBLICO COMO ESPAÇO SOCIAL	14
3. O MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB	17
3.1. BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA	17
3.2. LOCALIZAÇÃO DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS (MCC).....	18
3.3. MERCADOS PÚBLICOS ANTIGOS DA PARAÍBA.....	20
4. MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES	24
4.1. TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS NO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS/PB	24
4.2. DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO INTERNA DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS	27
4.3. FECHAMENTO DAS PORTAS LATERAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	32
4.4. PROBLEMAS SÓCIO-ESPACIAIS DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS SEGUNDO OS COMERCIANTES.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	43

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada trata das transformações ocorridas no Mercado Central de Cajazeiras – PB, ressaltando as problemáticas sócio-espaciais envolvidas naquele equipamento urbano. De forma mais precisa, apresentamos o surgimento, as mudanças organizacionais e estruturais do Mercado Central, as quais sofreram grandes transformações ao longo dos anos.

Quanto a justificativa para escolha do tema, esta se deu devido o Mercado Central fazer parte do espaço urbano da cidade e ter importância socioeconômica, além de estar inserido na demarcação do patrimônio histórico da cidade. Hoje, os habitantes não dependem unicamente do Mercado Central para realizar suas compras, pois nos últimos anos, muitas lojas e filiais de grandes e médias empresas de calçados, aviamentos, alimentos, vestuários se instalaram na cidade. Contudo, o mercado continua sendo um espaço público, social e comercial que abriga quantidade significativa de comerciantes, o suficiente para mantê-lo aberto.

Temos por objetivo geral entender as transformações ocorridas no Mercado Central de Cajazeiras ao longo dos anos. Para alcançarmos este objetivo, propomos os seguintes objetivos específicos: apresentar como se deu processo de surgimento do Mercado Central na cidade; verificar quais foram as intervenções feitas neste equipamento urbano; relatar os possíveis problemas enfrentados pelos comerciantes em decorrência dessas transformações.

Referente à metodologia, inicialmente foram realizados levantamentos bibliográficos com autores que discutem o tema relativo a mercados públicos, utilizamos obras como livros, trabalhos monográficos, dissertações e teses sobre a temática, além de realizarmos pesquisas em sites na internet. Ainda nessa etapa, selecionamos leituras de obras clássicas que tratam de temas que são necessários para entender o nosso objeto de estudo, como o estudo dos circuitos da economia urbana de Milton Santos.

Na segunda etapa, relativo ao trabalho de campo, utilizamos a técnica de observação direta, realizada *in loco*, a partir de visitas ao Mercado Central de Cajazeiras, bem como entrevistas semi estruturadas, e conversas informais com comerciantes do mercado. Ainda nessa segunda etapa, buscamos trabalhar com fotografias, que nos permitiram comparar e analisar o nosso objeto de estudo em

diferentes momentos históricos. Além disso, pudemos perceber as transformações ocorridas no mercado ao longo dos anos.

As fotografias recentes do Mercado Central de Cajazeiras foram obtidas durante o trabalho de campo, as fotografias antigas foram recortadas da internet, no decorrer da pesquisa em sites sobre a cidade. Igualmente, fizemos uso de instrumentos cartográficos, elaborados no decorrer da pesquisa, com o objetivo de situar e localizar o mercado central no contexto da cidade.

Quanto ao texto da monografia, o mesmo foi estruturado em 5 capítulos, além da introdução e das considerações finais. O segundo capítulo, intitulado de “Circuito da economia urbana” tem como objetivo dialogar com referenciais específicos acerca de teorias e conceitos sobre economia urbana e mercado público. O referido capítulo está dividido em duas seções, a saber: Os Mercados Públicos e o desenvolvimento das cidades; Mercado Público como espaço social.

No terceiro capítulo, com o título: “Mercado Público Central de Cajazeiras-PB, apresentamos uma breve evolução histórica do comércio da cidade de Cajazeiras, importante para entendermos o contexto de instalação do Mercado Central, propriamente, buscando localizar nossa área de estudo.

No quarto capítulo, intitulado: “Mercado Central de Cajazeiras e suas transformações”, apresentamos a pesquisa realizada em campo e os dados obtidos no trabalho de campo, sendo subdividido em três seções: Transformações estruturais do Mercado Central de Cajazeiras-PB; Descrição da organização interna do Mercado Central; Fechamento das portas laterais e suas consequências.

2. O CIRCUITO DA ECONOMIA URBANA

Para que possamos entender sobre o surgimento do mercado público, bem como sua organização e relevância econômica, especialmente na economia local da qual os indivíduos se beneficiam, recorreremos ao estudo dos circuitos da economia urbana, amplamente discutido por Milton Santos. Neste sentido, discutiremos ao longo deste capítulo como os circuitos se dividem e suas principais características.

A respeito do circuito urbano da economia, ele se divide em dois tipos: circuito superior e circuito inferior. Estudar estes circuitos pode nos ajudar a compreender o funcionamento da cidade considerando-a como uma máquina viva e suas relações externas, por exemplo, com outras cidades (SANTOS, 2004).

A cidade, fruto do desenvolvimento da sociedade ao longo dos anos, atualmente, na perspectiva de Santos (2004), constitui-se palco para a modernização tecnológica. Esta modernidade, segundo o autor, é considerada a geradora dos subsistemas superior e inferior. O circuito superior é resultado direto da modernidade e do progresso tecnológico. Por sua vez, o circuito inferior “é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas” (SANTOS, 2004, pág.38). Para o referido autor, existe uma disparidade entre os circuitos superior e inferior na perspectiva econômica, a qual é influenciada pelo tipo de tecnologia utilizada. No circuito superior predomina o uso de tecnologias importadas e de alto nível, uma tecnologia denominada de “capital intensivo”. Em contrapartida, no circuito inferior a tecnologia aplicada é a do trabalho intensivo. Esse último circuito, o inferior, é o mais recorrente no setor informal da economia, pois nele a mão de obra é utilizada de forma intensa. Como podemos perceber, por meio de Santos (2004), os acordos de trabalho realizados entre o pequeno comerciante e o empregado também são informais, por exemplo, a remuneração salarial é acordada somente entre eles. Ou seja, isso é bem diferente em relação ao que ocorre no circuito superior, no qual outras instituições estão presentes, como é o caso dos sindicatos e do Estado, ambos atuando como mediadores.

O despertar para a comercialização dentro do circuito inferior não parte do princípio do acúmulo e/ou ampliação de capital, embora isso não os torna isentos de

aspirá-los, como enfatiza Santos (2004). Porém, o que de fato predomina, no circuito inferior, é o trabalho para a sobrevivência da família e, como estamos imersos em uma sociedade moderna e capitalista, é necessário para atender alguns anseios particulares de consumo.

Mediante a necessidade de prover os recursos mais básicos, como alimentação, moradia, educação e saúde, para sobrevivência das famílias, as pessoas buscam meios pelos quais se possa obter uma renda que permita prover tais recursos. Dentre os mais variados meios, o mercado público é um exemplo.

O mercado se constitui como local de oportunidades para geração de renda, mesmo que seja no âmbito da informalidade. Poderíamos nos perguntar como, em uma sociedade tão tecnológica, ainda existe esse tipo de mercado. No entanto, há outra pergunta mais fundamental que precisamos discutir: o que gerou o circuito inferior? Preocupado com esta questão, Robirosa (1971) diz que

O atual modelo de crescimento econômico é responsável por uma distribuição de rendas cada vez mais injusta e impede a expansão do emprego, assim como o desenvolvimento de um mercado interno para os produtos modernos. A existência do circuito inferior da economia urbana é uma das consequências principais dessa situação (SANTOS, 2004, pág.187, apud: ROBIROSA *et all*, 1977, pág. 21-24).

Nesse sentido, o circuito inferior se configura como consequência do injusto crescimento econômico ligado diretamente ao modelo econômico capitalista. Conseqüentemente, esse tipo de economia favorece o desenvolvimento e a modernidade presentes no circuito superior.

Uma característica fundamental do circuito inferior, que a difere significativamente do circuito superior, é a adaptação às novas tendências do mercado. No circuito superior, há uma forte preocupação com as vendas e em controlar o mercado para o favorecimento próprio. Enquanto que no circuito inferior, o qual depende totalmente do mercado local, se ajusta a ele em resposta à demanda, como admite Santos (2004).

Além disso, os pequenos comerciantes não dispõem de muito capital para investimento, facilitando, assim, a mudança de atividade sem muito problema, bem como a instalação de novos box e/ou pontos de venda, por exemplo, considerando que são estruturados de forma precária. Ademais, observamos também, como

característica do circuito inferior, que o volume de mercadorias manipuladas pelos pequenos comerciantes é bem menor.

De modo geral, essa característica pode ser observada dentro dos mercados públicos. Pois, embora haja uma diversidade de comerciantes, cada um deles possui uma quantidade pequena de mercadoria/produtos em comparação aos estabelecimentos comerciais que estão fora do mercado, localizados no entorno. No entanto, isso não significa que os comerciantes de dentro do mercado não possam aumentar um pouco mais o volume de sua mercadoria, contudo, esse aumento ainda não se equipara. Na verdade, como constatamos, trabalhar com um volume de mercadorias menor também significa uma estratégia para evitar prejuízos e permitir, assim, uma possível transição para novas demandas que possam surgir. Identificado o mercado público como equipamento urbano que faz parte do circuito inferior, vamos discutir, nas próximas seções, sobre sua ligação com o desenvolvimento das cidades e o mercado como espaço social.

2.1. OS MERCADOS PÚBLICOS E O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES

Segundo Pintaudi (2006), muitos dos mercados tiveram sua origem nas feiras que terminaram perpetuando-se, materializando-se em construções, porque a reprodução da vida na cidade e/ou região necessitava de um contínuo suprimento de víveres, e se hoje eles se mantêm no espaço, se deve ao fato de poderem dialogar com outras formas comerciais mais modernas. Ainda segundo a autora, os mercados públicos foram, desde os primórdios do capitalismo, uma forma de centralizar o comércio num determinado lugar, o que facilitou, ao longo dos anos, um controle sobre as trocas de mercadorias que ali se efetuavam como também sobre as fontes abastecedoras de produtos.

Assim, o mercado público enquanto equipamento urbano, que é central na maioria das cidades, continua objetivando atrair a sua população local e circunvizinha para compra e venda de produtos, sejam eles naturais ou industrializados. A sua permanência, enquanto espaço de trocas, se deu pela sua influência no processo de produção e de expansão das grandes, médias e pequenas cidades ao longo dos anos.

Atualmente, com base nos referenciais consultados, compreendemos que há uma tendência na desvalorização da relevância econômica dos mercados. Por conseguinte, entendemos que isso afeta diretamente os comerciantes que estão

inseridos nesses espaços de comercialização, pois, talvez seja provável que exista uma diferença no volume de vendas e de fluxo de pessoas, ao compararmos o mercado público com outros estabelecimentos situados no centro da cidade, fora dos mercados, por exemplo.

Segundo Pintaudi (2006), os mercados se nos afiguram hoje como elementos que nos aproximam dele por intermédio da cultura[.] os mercados que deixam de ser funcionais desaparecem da paisagem. Estamos diante [novas formas] do consumo do espaço” (PINTAUDI, 2006, pág. 95). Como exemplo, desse consumo do espaço, apontamos a instalação de pequenos centros comerciais e de *shopping centers*, os quais simbolizam a modernização de atividades comerciais. Ou seja, com base na autora, percebemos que, de modo geral, em consequência dos processos de modernizações urbanas ocorridos nas últimas décadas, os mercados públicos passaram por rupturas no que respeita a sua relevância, enquanto espaço de consumo, afetando diretamente a sua existência e funcionalidade.

Assim, podemos perceber isso quando olhamos para o MCC, pois enquanto moradora de Cajazeiras e consumidora de bens e serviços do comércio local, percebo que em decorrência das novas formas de consumo do espaço, o MCC hoje não se apresenta como um espaço atrativo para os consumidores. Além da pouca oferta de mercadorias, notamos também a ausência de infraestruturas de lazer e de opções para alimentação.

Todavia, percebemos que apesar da falta de atrativos e da precariedade das instalações físicas, como discutiremos no 4 capítulo, encontramos indivíduos que ainda comercializam no MMC, não havendo razão para o seu fechamento e/ou substituição por outras formas de estabelecimentos comerciais no local. Ao contrário, admitimos a importância que esse espaço exerceu (e exerce) ao longo dos anos, no desenvolvimento do comércio local, tendo em vista que ainda existe movimentação de consumidores, para compra e venda de mercadorias.

Os mercados públicos, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são patrimônio cultural das cidades (IPHAN, 2014). O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. Isto também está baseado no conceito de patrimônio cultural presente no Artigo 216, da Constituição Brasileira:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Enquanto patrimônio cultural, o mercado se perpetua no espaço garantindo para os indivíduos, que o frequentam, seja para consumir mercadorias, seja para transitar, seja para sociabilizar. E de modo mais específico, os comerciantes instalados, cujo o mercado é um lugar para comercializar e obter renda para a manutenção da sua vida e da família, ainda que não tenha fluxo o suficiente para gerar riqueza e acúmulo de capital.

Assim, compreendemos, que as contribuições que este espaço proporciona não se restringem ao aspecto econômico. Ele também contribui para o desenvolvimento de laços sociais intrínsecos a esse tipo de espaço. Como mencionam Servilha (2018), Guimarães e Doula (2018), o mercado surge da necessidade da troca e do intercâmbio de saberes e práticas que são construídos através do cotidiano, portanto, entendemos que o mercado público é um espaço social, como discutiremos na seção seguinte.

2.2. O MERCADO PÚBLICO COMO ESPAÇO SOCIAL

Como vimos anteriormente, ao longo da história, mercados e feiras adquiriram grande importância social, ultrapassando o papel econômico, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado. Nesses espaços, podemos conjecturar que muitos indivíduos, de diferentes localidades, reuniam-se para além de comercialização, estabelecerem entre eles laços sociais; de fraternidade e parceria.

Desse modo, o Mercado Público é um espaço social, que para além das relações comerciais existentes, é carregado de sentimento de pertencimento comum e “sentido de lugar”. Por sua vez, os espaços públicos possuem particularidades, as quais dependem do contexto social e cultural em que estão inseridos (SERVILA E DOULA, 2009).

A partir dessa compreensão, podemos exemplificar com o mercado público de São Paulo- SP e/ou o mercado público central de Cajazeiras-PB, não importando a diferenciação de suas dimensões e estruturas, ambos são espaços sociais e de

comercialização, com valor cultural para os seus usuários, comerciantes e consumidores. Ou seja, embora essas diferenças existam, em ambos os mercados ocorre o que chamamos de reprodução de relações sociais.

Portanto, entendemos que, tanto nas grandes cidades, como nas pequenas cidades, os mercados são espaços importantes para a vida social, são neles que ocorrem essa reprodução de relações sociais. Por exemplo, encontro de famílias de diferentes comunidades rurais e/ou urbanas, trocas de produtos sem atravessadores, vida comercial no sentimento de ajuda mútua e construção de valores comunitários (SERVILA E DOULA, 2009).

Para Cerqueira (2013) a partir do momento que o espaço assume importância emocional na experiência humana, ele se torna um lugar. Neste sentido, o lugar deriva do espaço através do processo de significação. “O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1977, p.6., apud CERQUEIRA 2013, p.76).

Ainda sobre o lugar, Duarte (2014), por meio de uma análise sobre os conceitos de território, lugar e espaço, afirma que os três conceitos possuem o substrato em comum, mas as especificidades os individualizam. Dessa forma,, nos interessa o conceito de lugar, que para o autor seria uma parcela do espaço imbuída de valores e significado, atribuídos por um indivíduo ou por um grupo.

Para Carlos (1996) a construção do lugar, ocorre mediante o produto das relações humanas, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido. Isso garante a construção de uma rede de significados e sentidos. Essa rede, por sua vez, tecida pela história e pela cultura civilizadora e produz identidade, cujo resultado é um processo em que o homem se reconhece, porque é o seu lugar de vida, como admite a referida autora. (CARLOS, 2007, pág.29).

O “ser lugar” é construção, pois depende muito dos laços afetivos que os indivíduos criam em determinados espaços, afinal, o sujeito pertence ao lugar e o lugar a ele. Como admite Carlos (2007), a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. Assim, para se tornar lugar torna-se necessário a vivência e, sobretudo, a experimentação cotidiana do mesmo.

Desse modo, o processo de significação, ocorre por meio das experiências individuais, que tornam o espaço digno de “ser lugar” (CARLOS, 2007). Assim, podemos inferir que é por meio dessa experimentação cotidiana, que o mercado público se constitui como um espaço carregado de experiências, vivências e

experimentações, por parte dos indivíduos que comercializam nele e/ou apenas frequentam, transitam, consumindo-o como espaço de sociabilidade.

No próximo capítulo iremos discutir o nosso objeto de estudo, que é o Mercado Central de Cajazeiras-PB. De forma breve, iremos apresentar o seu desenvolvimento, ao longo do tempo, a sua localização e algumas mudanças externas e internas que ocorrem nas instalações físicas do mercado.

3. O MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB

Neste capítulo buscamos apresentar uma breve discussão sobre o desenvolvimento do setor comercial de Cajazeiras, no qual o MCC encontra-se inserido. Nossa ênfase será no contexto econômico em que ocorreu o surgimento e o pleno funcionamento do mercado público central. Prosseguiremos delimitando nossa área de pesquisa, e fazendo um breve apontamento comparativo das condições que se encontram outros mercados públicos da Paraíba.

3.1. BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Segundo Rolim (2010), as ideias de modernidade, que floresceram na Europa no século XIX, impulsionaram as transformações que ocorreram nos grandes centros urbanos. Essas transformações não se restringem aos aspectos estéticos, elas também alcançaram o estado de salubridade das cidades.

No Brasil, os processos de melhorias urbanas seguiram pela mesma lógica. Rolim (2010) comenta que essas melhorias iniciaram com as reformas de Pereira Passos, que modificou o centro do Rio de Janeiro, e se irradiou pelos demais centros de maior expressividade urbana no país, como é o caso de São Paulo, Recife, Salvador, Fortaleza e Belo Horizonte. A autora também comenta que a capital paraibana, João Pessoa, acompanhou de perto esse processo de transformação.

Nas primeiras décadas do século XX, a capital paraibana passou por melhorias, tais como alargamentos das ruas, abertura de avenidas, construção de parques e praças públicas, e ainda a construção de imóveis públicos. Neste contexto, Cajazeiras, cidade localizada no alto sertão paraibano, passa a experimentar um expressivo crescimento urbano por volta da década de 1920. Nessa época, Cajazeiras também passou por melhorias e inovações, por exemplo, energia elétrica, telefone, telégrafo, práticas de futebol, impressão de jornal local, todas essas inovações somadas a construções de casarões e prédios nas ruas centrais (SOUZA,2010).

Na década de 1940, na gestão de Arsênio Rolim Araruna, foi instalada na cidade de Cajazeiras mercado público, o qual ficou conhecido até os dias de hoje como Mercado Central de Cajazeiras (MCC). Com traços arquitetônicos modernos, para a época, segundo Gomes (2014), o MCC foi a mais importante das obras realizadas pelo supracitado gestor, o qual recebeu grandes elogios da sociedade

local.

Nessa época, o comércio cajazeirense estava aquecido, em função da retomada das obras contra as secas, momento em que a cidade recebeu fomento de verbas federais. Somado a essas verbas, as boas safras do algodão, ocorridas entre os anos de 1933-1935, possibilitaram melhorias urbanas propiciando um aumento expressivo na população local, conforme Gomes (2014).

Assim, a década que antecedeu a construção do MCC, provavelmente, foram os anos que motivaram o planejamento e a construção do mesmo. Isso porque durante a década de 1930, registraram-se investimentos significativos em obras por toda a cidade, especialmente vinculadas ao beneficiamento do algodão, como nos aponta Gomes (2014),

A instalação de usinas de algodão também se configurou como grande propulsora para a economia e o desenvolvimento urbano da cidade na década de 1930. Usinas de beneficiamento de grande porte, como a Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil- SANBRA, e a multinacional Anderson Clayton, trouxeram emprego e renda para o município (GOMES, 2014, p.75).

A atividade algodoeira proporcionou uma aceleração do desenvolvimento urbano de Cajazeiras. Investimento na construção de novos imóveis e na abertura de novos empreendimentos, além da expansão das periferias na cidade. Naquela mesma época, na década de 1930, a prefeitura empreendeu a construção de um prédio público para receber comerciantes que trabalhavam com os mais variados produtos e/ou serviços (Souza, 2010).

Provavelmente, a concepção de criação do mercado público deve ter partido também dos modelos que já existiam em outras cidades da Paraíba e do Nordeste, como é o caso do mercado público de Recife/PE e Araruna/PB. O mercado público de Araruna é registrado como o mais antigo da Paraíba, a sua construção data do ano de 1909, enquanto que o mercado central da capital, João Pessoa, foi erguido somente em 1943 (IPHAN, 2020).

3.2. LOCALIZAÇÃO DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS (MCC)

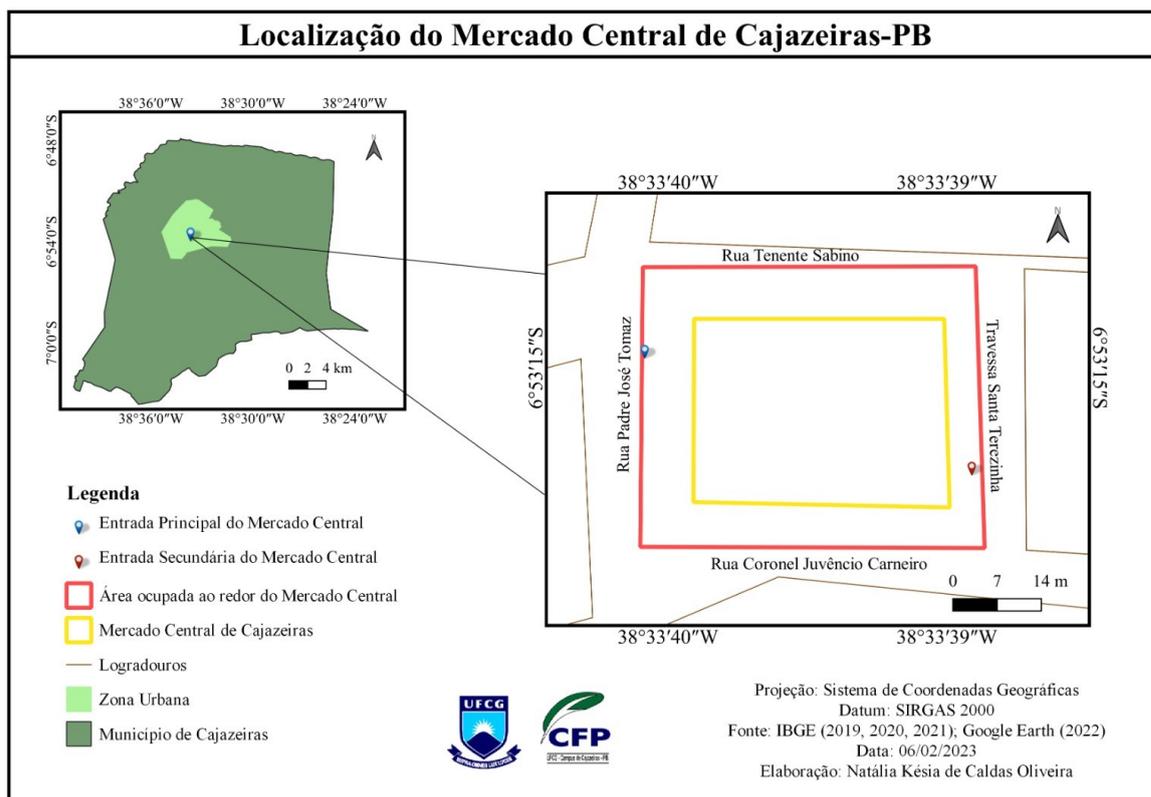
Instalado na área urbana e central, o MCC encontra-se localizado no centro histórico da cidade de Cajazeiras/PB. Atualmente, o espaço do MCC disponibiliza

apenas de duas portas de acesso, às quais são utilizadas pelos comerciantes, frequentadores e consumidores como portas de entrada e/ou saída.

A porta principal, na qual encontra-se o letreiro de identificação do MCC, dá acesso à Avenida Padre José Tomaz. Essa avenida é uma das principais do Centro da cidade, situada na área central do comércio local, destacando-se pelo intenso fluxo de pessoas e veículos. A segunda porta dá acesso à Travessa Santa Terezinha, a qual localiza-se na parte do calçadão, sem fluxo de veículos, apenas de pedestres.

Ao tomarmos como referência à porta principal, a lateral esquerda do MCC, encontramos a Rua Tenente Sabino, conhecida popularmente como calçadão, e na lateral direita, o MCC delimita-se com a Avenida Coronel Juvêncio Carneiro, conforme observamos na figura 01.

Figura 1 - Mapa do Mercado Público Central de Cajazeiras-PB.



Fonte: Autora,2023

Como podemos observar no mapa apresentado na figura 01 existem duas áreas delimitadas: uma com a cor amarela e outra com a cor em vermelho. A linha amarela delimita a área de ocupação do MCC, correspondendo a toda a área coberta, e utilizada pelos comerciantes, localizados no interior do MCC. A linha vermelha delimita a área que pertenceu ao MCC, mas que, atualmente, encontra-se ocupada

por comerciantes, cujos estabelecimentos estão localizados fora do MCC, voltados para as ruas, avenidas e travessas que delimitam o quarteirão do referido mercado, conforme representado na figura 01.

Como discutiremos no terceiro capítulos, com o passar dos anos essa área foi sendo ocupada por outros estabelecimentos comerciais. Essa ocupação promoveu significativas transformações estruturais e no funcionamento do MCC.

3.3. MERCADOS PÚBLICOS ANTIGOS DA PARAÍBA

A beleza dos mercados públicos está na permanência de suas estruturas físicas e modelos arquitetônicos; na sua vitalidade, funcionalidade e sua contínua contribuição para a economia da cidade onde está inserido. Quando o mercado perde essas características, que são próprias dele, nos resta apenas vê-lo como um equipamento urbano, que já não tem preservado a sua funcionalidade inicial, apenas se constitui na paisagem urbana como um espaço que outrora foi fundamental para a economia.

Na perspectiva de Silva (2014), e com o qual concordamos;

O mercado passa a ser uma referência municipal, um espaço que retrata direta e/ou indiretamente a cidade e até a cultura da população local. Caracteriza-se por ser mais organizacional do que a feira, possui uma infraestrutura de água, esgoto e eletricidade; sua área é delimitada e dividida em boxes destinados à comercialização de carnes, cereais, hortigranjeiros e outros (SILVA, 2014, pág.22).

Sobre o aspecto arquitetônico e estrutural, os mercados públicos, construídos nos diversos estados do Brasil, assemelhavam-se, tendo em vista que os modelos foram influenciados pelos modelos europeus. Assim, atualmente, boa parte desses estabelecimentos públicos ainda permanece com as suas estruturas físicas preservadas, porém, muitos já foram reformadas pelo poder público (SILVA, 2014).

Alguns mercados públicos presentes na Paraíba, que permanecem cumprindo sua função econômica e social, que ao nosso ver poderiam sim ser tomados como exemplo para as demais cidades encontram-se em estado crítico quanto à sua estrutura física, como é o caso do mercado central da cidade de João Pessoa, que passou por várias intervenções do poder público.

Dentre os mercados públicos existentes nas cidades paraibanas destacamos dois, para exemplificar: o da cidade de São João do Rio do Peixe; e o da cidade de São José dos Cordeiros. A escolha desses mercados foi dada pelo fato deles terem nos chamado a atenção por sua arquitetura, vitalidade e, principalmente, pela funcionalidade.

O mercado público da cidade de São João do Rio do Peixe/PB, no ano de 2021 passou por uma reforma, como está apresentado na figura 02. De acordo com o portal de notícias do Governo do Estado (2021), foram investidos aproximadamente R\$518.000,00, contemplando quinze lojas, frigorífico, mercadinho, lanchonetes, *hall* de entrada e área de convivência. Em declaração, segundo o portal, o prefeito da cidade, Luiz Claudino, afirmou que: “Todos os que moram aqui sabem das condições que estava o mercado e fizemos a recuperação da estrutura que vai servir à população, com padrão de higiene ideal e gerando emprego e renda, oferecendo condições adequadas de funcionamento” (PARAIBA.PB.GOV/NOTICIAS, 2021).

Figura 2 - Mercado Público de São João do Rio do Peixe – PB



Fonte: Governo do Estado da Paraíba (2021) Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-entrega-reforma-de-mercado-publico-onibus-escolar-e-acompanha-distribuicao-de-alimentos-do-paa-em-sao-joao-do-rio-do-peixe>

Observando a figura 02, podemos notar o quanto a reforma trouxe melhorias ao mercado público da cidade. Segundo informações coletadas por meio de conversas informais, antes da reforma, o mercado quase não apresentava muita funcionalidade, devido a precariedade de suas instalações. Igualmente, registramos que houve um maior compromisso por parte do poder público e da população em não

permitir que ocorressem mudanças estruturais, que pudessem comprometer e/ou redefinir a arquitetura original do mercado.

A figura 03 nos mostra um dos mercados públicos mais antigos da região do Cariri paraibano, localizado na cidade de São José dos Cordeiros-PB. Esse mercado também passou por reformas, e como podemos observar, preservou a estrutura arquitetônica original.

O referido mercado, de São José dos Cordeiros, foi construído em 1926, passando por uma ampla e moderna reforma em 2020. Segundo Queiroz (2020), a reforma ocorreu a partir de uma parceria da Prefeitura Municipal com o Governo do Estado, cujo investimento foi na ordem de R\$ 748 mil.

Figura 3 - Mercado Público de São José dos Cordeiros-PB



Fonte: Paraíba Mix (2020). Disponível em: <https://www.paraibamix.com.br/noticias-destaque2/em-sao-jose-dos-cordeiros-refeitura-vai-comemorar-emancipacao-politica-com-entrega-do-novo-mercado-publico/>

Na contramão dos mercados públicos apresentados acima, o Mercado Central de Cajazeiras permanece sem reforma até o momento em que este trabalho foi realizado. Além disso, como mostramos na seção 3.2, uma parte da área que pertence ao mercado foi sendo ocupada por comerciantes externos ao mercado. Consequentemente, ocasionou o fechamento lento, gradativo e intencional das várias portas laterais que o mercado possuía.

Considerando a ação das prefeituras das cidades acima citadas, a prefeitura da cidade de Cajazeiras, a priori, deveria ter feito o mesmo, levando em consideração

que o MCC é um espaço comercial público responsável em contribuir para geração de renda aos comerciantes locais. Igualmente, no passado, antes das intervenções em sua estrutura física, possuía uma traço arquitetônico muito semelhante àquele mostrado nas figuras 02 e 03.

Por fim, o que entendemos é que apesar do consumo no circuito inferior ocorrer em pequena escala, abastecendo a população local, assim, o mercado central, enquanto equipamento constituinte desse circuito, precisa estar aberto para melhorias, e assim permanecer cumprindo com a sua função social e econômica. E, ainda que ofuscados pela modernidade dos *shopping centers* e de outros espaços de consumo mais modernos, a importância da vitalidade dos mercados públicos é indiscutível, pois evidencia a qualidade e a memória da cidade, a qual pode ser avaliada a partir do significado e das riquezas dos lugares público que a compõe.

4. MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES

De modo geral, para atender as demandas da expansão comercial no espaço urbano, os mercados centrais ao longo dos anos sofreram mudanças em suas formas estruturais e conteúdo. Essas mudanças se caracterizam como alterações de velhas formas para adequar a novas funções (SANTOS, 2014).

Como admite Santos (2014), a paisagem assemelha-se a um palimpsesto, que seria uma espécie de pergaminho, cujo texto primitivo foi eliminado para dar lugar a outro. Assim, ao mesmo tempo, tanto há reutilização das antigas formas e/ou conteúdo, como também são criadas novas, as quais inovadas, assumem novas funções tais como shoppings, bancos, hipermercados entre outros.

Desse modo, entendemos que o mais comum é reutilização das antigas instalações desses mercados públicos, reformando-os para atenderem a novas demandas (SANTOS, 2014). Contudo, esse não é o caso do MC de Cajazeiras. Embora esse mercado não tenha passado totalmente por uma readaptação das antigas funções e conteúdo, já que sua função inicial permanece, ou seja, a de acolher diferentes comerciantes, registramos que o mesmo passou por mudanças em sua forma estrutural.

4.1. TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS NO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS/PB

Antes do MCC ser inaugurado, o prédio que seria utilizado para o mercado central fazia parte de um total de 8 prédios na “rua do comércio”, como assim era conhecida a Avenida Padre José Tomaz. Nesta mesma rua, ocorria a feira livre da cidade. A figura 04 nos mostra um dos registros mais antigos da rua do Comércio, datado do ano de 1890. No lado esquerdo da fotografia-onde há um número maior de pessoas aglomeradas, pode-se identificar o prédio, no qual seria transformado no MCC. Note como o prédio já tinha muitas portas.

Quando o MCC foi inaugurado, na gestão do prefeito Arsênio Rolim Araruna (1947/1950), muitas dessas portas foram mantidas para o funcionamento do mercado, conforme observamos na figura 05. Essa figura, datada da década de 1960, atentamos para a porta principal do MCC, voltada para a Avenida Padre José Tomaz, bem como para o fato do MCC ter passado por mudanças.

Conforme a coleta de informações *in loco*, por meio de entrevistas com os comerciantes e usuários mais antigos, o MCC tinha mais de trinta portas. Ao longo do tempo, sem que houvesse controle do poder público, os comerciantes foram delimitando os seus boxes¹ com alvenaria, modificando as portas.

Figura 4 – Rua Padre José Tomaz nos anos 1890



Fonte: Coisas de Cajazeiras.

Disponível: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/rua-padre-jose-tomaz/>

Figura 5 - Rua Padre José Tomás nos anos de 1960



Fonte: História de Cajazeiras.

Disponível: <http://historiacajazeiras.blogspot.com/2014/09/rua-padre-jose-tomas-ruas-de-cajazeiras.html>

¹ O termo box é utilizado regionalmente para identificar, dentro de um mercado público, a delimitação da área ocupada por cada comerciante

Diferentemente da época de sua inauguração, o MC de Cajazeiras, atualmente, como anteriormente mencionado, dispõe apenas de duas entradas para circulação de pessoas. A figura 06a, apresenta uma fotografia de uma dessas entradas, sendo ela a que dá acesso direto à Travessa Santa Terezinha. Nessa rua, de acordo com os comerciantes que participaram da entrevista, o fluxo de pessoas é muito baixo, inviabilizando a permanência de lojas ou aberturas de novas.

Os comerciantes que ainda permanecem no local, fazem da entrada uma extensão de suas lojas, colocando suas mercadorias no corredor de entrada do MCC. Como vimos, é possível identificar, logo na entrada, alguns dos produtos que são comercializados na parte interna do MC. Por exemplo, sapatos, bolsas, calçados, etc.

A figura 06b, nos mostra a outra entrada para o MCC. Ao contrário da entrada apresentada na figura 06a, essa entrada dá acesso a uma das principais avenidas do Centro da cidade, a Avenida Padre José Tomaz, cujo fluxo de pessoas é maior. Além disso, essa entrada também fica em frente a uma das ruas mais antigas de Cajazeiras, a Praça de João Pessoa.

Figura 6 - Porta de entrada do MC pela travessa Santa Terezinha



Fonte: Autora, 2022

Apesar da área de ocupação interna do mercado ser ampla, e muito parte está ociosa, a forma como os boxes estão distribuídos compromete as duas entradas, pois notamos que há uma aglomeração de mercadoria.. Nas figuras 06a e 06b, podemos

observar que existem diversas mercadorias expostas nas entradas, reduzindo a área de passagem para trafegar pelas pessoas. Ainda sobre o fechamento das demais portas do MCC, os comerciantes que participaram da entrevista afirmaram que,

"Uma coisa errada que fizeram aqui foi não terem deixado portas nas laterais, confiaram que os donos de comércio iriam deixar permanecer com as portas abertas, com isso foi fechado numa faixa de 30 portas!" (Comerciante B).

Os relatos dos nossos entrevistados ratificam que o mercado, de fato, havia muitas portas de acesso, e que estas foram sendo fechadas pouco a pouco. Sobre os processos de mudanças que ocorreram no MCC, como o fechamento das portas enfatizamos que nem na administração do MCC, e nem na prefeitura da cidade, existem documentos oficiais que registram tais processos. Desse modo, os relatos dos comerciantes e dos usuários mais antigos do MCC, foram fundamentais para construirmos um pouco da história desse mercado. Na seção seguinte, buscamos descrever a organização interna do MCC.

4.2. DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO INTERNA DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS

A área interna do MCC é composta por seis galerias, e, entre elas, formam-se corredores por onde ocorre toda a movimentação dos comerciantes e clientes. A primeira fileira dos boxes, os quais estão dispostos um após outro, é formada seguindo os dois portões de entrada. Das seis galerias, apenas dois corredores funcionam plenamente, pois, são os que estão entre a galeria principal, voltada para a entrada do MCC.

Nessa galeria principal, encontramos boxes com lojas de calçados, vestuário, eletrônicos, artigos de beleza, perfumaria, aviamentos, conserto de aparelhos celulares, lojas de artigos íntimos. Entretanto, constatamos que na área interna do MCC, predominam boxes que comercializam sapatos. Nas figuras 07, a e b, apresentamos a galeria principal, bem como a disposição dos produtos em seus respectivos boxes.

Figura 7 - Corredores (a) direito e (b) esquerdo a galeria principal.



Fonte: Autora, 2022.

Ainda na parte interna do MCC existe uma pequena lanchonete, destinada a alimentação, como mostra a figura 08. Essa lanchonete fica localizada no lado direito da entrada pela Travessa Santa Terezinha. Segundo o responsável desta pela lanchonete, eles trabalham com a venda de salgados, refrigerantes e o famoso caldo de cana do MCC, há mais de 20 anos. Conforme manifestou o nosso entrevistado, a demanda principal da lanchonete é o caldo de cana, consumido principalmente por comerciantes de dentro MCC.

Figura 8 - Espaço para alimentação.



Fonte: Autora,2022.

Na figura 09, podemos visualizar nas imagens a e b, existe um grande descaso no interior do MCC. Ao sair das galerias principais, logo podemos encontrar entulhos de materiais aglomerados nas proximidades das laterais do MCC. Em geral, são restos de boxes velhos, descartados pelos próprios comerciantes, tornando o MCC em um grande depósito. Ademais, revela a inexistência de administração do MCC, quer pelos próprios comerciantes, quer pelo poder público municipal. .

Entretanto, como nos informou um comerciante instalado no MCC há mais de 40 anos, antes o mercado funcionava normalmente, e uma maior diversidade de produtos podia ser encontrado. Assim, havia boxes de frutas, verduras, açougue, lanchonetes e marmitas.

Todavia, à medida que as portas foram se fechando, os comerciantes foram saindo a procurar outras formas de sobrevivência. Atualmente, constatamos esse grande estado de abandono, cuja consequência é atribuída ao fechamento das portas laterais, que provocou a redução gradativa do fluxo de clientes e, conseqüentemente, a saída dos comerciantes a procura de outros espaços para comercializar.

O referido comerciante, em entrevista, relatou que até pouco tempo havia um boxe que comercializava materiais eletrônicos, o qual atraía uma quantidade significativa de consumidores para o mercado. Porém, o dono decidiu mudar o seu estabelecimento comercial para fora do MCC, devido a falta de infraestrutura e as péssimas condições de trabalho no interior do mercado. Conforme enfatizou o nosso entrevistado, depois do fechamento do box de eletrônicos o fluxo diminuiu bastantes, pois segundo ele, “as pessoas que iam nessa loja de eletrônicos, aproveitavam para comprar nos outros boxes”.

Figura 9 - Boxes abandonados e Depósitos.



Fonte: Autora, 2022.

No tocante a melhorias em função dos constantes períodos com falta de água e/ou de precariedade no abastecimento de água, em especial para a lanchonete, o poder público iniciou a construção de uma caixa d'água, como mostramos na figura 10.

Figura 10 - Caixa d'água dentro do MCC



Fonte: Autora, 2022.

Segundo os comerciantes do MCC, essa construção foi iniciada há 12 anos e infelizmente ainda não foi concluída. Um dos comerciantes nos afirmou que “...se em 12 anos o poder público não concluiu uma caixa d'água, quanto mais concluíram uma reforma em todo o MCC”. É compreensível o questionamento do mesmo, tendo em vista que as várias gestões públicas que passaram pela prefeitura, apenas fizeram promessas de reformas no MCC, porém, efetivamente, nenhuma foi concretizada..

Segundo o referido comerciante, ouviram falar que haveria uma possível transformação do MCC em mini shopping. Contudo, como coletamos de alguns comerciantes, nem todos concordam com essa possível transformação, pois temem perder seus boxes. Constatamos que existe um conflito de opinião entre os comerciantes do interior do MCC, “confinados”, entre as duas portas, e os comerciantes que estão voltados para a área externa, cujos os boxes foram transformados em lojas, com o fechamento das portas. Para esses últimos, a proposta do mini-shopping não é bem aceita.

No que diz respeito a ajuda financeira do poder público para o MCC, segundo um comerciante, a prefeitura contribui mensalmente com as despesas de água e energia. As outras despesas como os reparos mensais necessários, bem como a segurança do MCC são de responsabilidade dos comerciantes, que por sua vez,

contam com o presidente da associação do MCC para resolver os problemas mais cotidianos. A limpeza interna também é de responsabilidade dos comerciantes, que procuram manter a área interna organizada e limpa para receber os clientes, apesar da existência daqueles entulhos dos boxes abandonados, mostrados na figura 09.

4.3. FECHAMENTO DAS PORTAS LATERAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Como mencionado anteriormente, dentro do MCC existem apenas duas galerias que estão em pleno funcionamento, as demais estão praticamente ociosas e abandonadas. Conforme constatamos, as outras galerias parecem servir como depósitos, e alguns boxes passaram por pequenas reformas, realizadas pelos próprios comerciantes, e estão disponíveis para locação. No entanto, parece não haver muita procura para esses boxes que estão nas galerias laterais, devido a localização não ser privilegiada para a movimentação de clientes.

Ao perguntarmos a um dos comerciantes sobre os motivos que levaram ele a colocar o seu comércio dentro do MCC, ele nos disse que na época quando instalou o seu box no interior do MCC, o mesmo era muito movimentado, devido as portas laterais serem todas abertas, e por não ter tanta concorrência como se tem hoje:

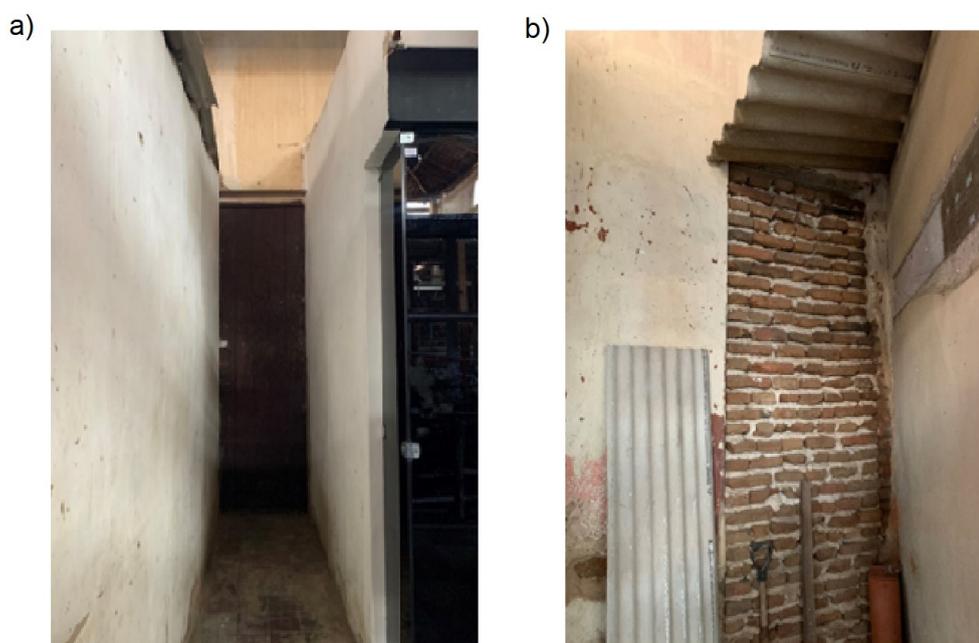
“Quando eu comecei aqui dentro, aqui dentro era melhor, aqui era bem movimentado, essas portas aqui eram todas abertas, não tinha concorrentes, e aqui tinha um fluxo de gente muito grande, ai fecharam as portas quase todas, hoje só tem duas portas centrais, as pessoas não conseguiram sobreviver aqui dentro e procuram outro meio de ganhar a vida” (Comerciante A).

Infelizmente, no decorrer da pesquisa, não obtivemos a informação exata de quando as portas foram fechadas, nem conseguimos descobrir quem de fato permitiu o fechamento. O que podemos afirmar é que os comerciantes ainda acionaram a justiça, numa tentativa de reabertura destas portas. Assim, foi pedido que as portas fossem reabertas em até 60 dias, porém isso definitivamente não ocorreu, assim nos afirmou um dos comerciantes:

Não obtivemos êxito porque os prédios são próprios, se as portas abrissem para dentro do mercado tínhamos ganhado, mas as portas abrem para dentro dos prédios... e todos os prédios são próprios e com escritura, ai nós ficamos aqui escondido, (Comerciante A).

Como mencionamos anteriormente, os comerciantes que tinham seus boxes localizados próximos às portas laterais, gradativamente foram delimitando-os com paredes de alvenaria e, conseqüentemente fechando as portas para a área interna do mercado. A figura 11, a partir das fotos a e b, exemplifica como as portas laterais foram fechadas. Esse tipo de porta de madeira (Figura 11a), pode ser visto ao redor da área interna do mercado. Em outros, notamos que essas portas e madeira foram retiradas, e construídas paredes definitivas no lugar (Figura 11b).

Figura 11 - (a) Porta lateral esquerda do Mercado Central e (b) Local da porta totalmente fechado por tijolos.



Fonte: Autora, 2022.

Ou seja, entendemos que toda essa situação, no que respeita às transformações do MCC é muito caótica, e teve a conivência do poder público que não fez para impedir a continuidade do fechamento das portas desse mercado. O processo de aceleração do fechamento das portas laterais, como podemos averiguar coincide com a transformação da Travessa Santa Terezinha e da Rua Tenente Sabino em calçada, pelo qual transitam apenas pedestres, portanto, valorizando os antigos boxes voltados para esse calçada

Dessa forma, a atual estrutura do MCC é o resultado das intervenções do poder público na paisagem urbana. De modo, podemos afirmar que no entorno do MCC foram instalados novos equipamentos urbanos, não somente o calçada, mas bancos

e iluminação mais modernas, os quais deram lugar a uma nova organização daquele espaço da cidade.

Com essas intervenções, os antigos boxes laterais foram sendo reformados, transformados em lojas mais modernas, existentes até hoje, porém, comprometem o funcionamento dos comerciantes situados no interior do mercado, bem como o pleno funcionamento do próprio MCC, cuja diversidade de mercadorias e boxes foram reduzidas consideravelmente.

Segundo informações extraídas de uma matéria da Diário do Sertão (2009), existiam 47 pequenos empresários da área de calçados e confecções ligados à Associação dos Comerciantes do Mercado Central de Cajazeiras. Porém, esse número não condiz com a realidade encontrada, pois na nossa pesquisa conversamos com o presidente dessa associação, e o mesmo nos passou a informação de que atualmente só existem 18 comerciantes no espaço. Quando a matéria circulou nas mídias, foi anunciada uma reforma do MCC, e já tinha até um pré-projeto arquitetônico. O gestor municipal, à época, Léo Abreu, destacou que além da construção dos 47 boxes, o projeto previa a construção de uma praça da alimentação, a qual também funcionaria como praça de eventos, para realização de desfiles, campanhas promocionais, etc, por parte dos comerciantes do mercado. Sem dúvidas, esse equipamento possibilitaria a atração de um público maior de consumidores e de usuários para o MCC, revitalizando-o. (DIÁRIO DO SERTÃO, 2009).

4.4. PROBLEMAS SÓCIO-ESPACIAIS DO MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS SEGUNDO OS COMERCIANTES.

Os principais problemas sócio-espaciais que conseguimos diagnosticar no mercado de acordo com as observações durante as visitas in loco , como também por meio dos relatos de alguns comerciantes do local, estão relacionados à parte estrutural do prédio. Primeiro ela é muito antiga, segundo, a existência de apenas duas portas; além dos problemas de já mencionados como o entulho de antigos boxes e a falta de circulação de ar, pois é muito quente, especialmente na parte da tarde,

Outros problemas foram relatados, como a diminuição no fluxo de clientes e má organização dos boxes. A seguir destacamos a opinião de alguns comerciantes sobre os problemas enfrentados, e quais medidas poderiam ser tomadas para a melhoria das instalações e do funcionamento do MCC. Vejamos:.

COMERCIANTE 01: Na opinião do comerciante, que trabalha há 44 anos no MCC, o mercado se encontra enclausurado, já não possui o mesmo fluxo de clientes como antigamente devido ao fechamento das portas laterais. Além de que, toda sua parte estrutural está comprometida, desde telhados, boxes, pisos. Segundo ele, uma reforma completa seria necessária para que o mercado voltasse a ser mais movimentado, o mesmo afirmou que está preparado, e que por ele a reforma poderia ser iniciada a qualquer momento.

COMERCIANTE 02: Na opinião do comerciante, considerado o mais antigo do espaço, o MCC precisa urgente de uma reforma, para que volte a ser atrativo para clientes e novos comerciantes. Segundo ele, o espaço não possui uma boa distribuição internamente, afetando o movimento. O mesmo nos relatou que os outros comerciantes possuem receio de ocorrer uma reforma no MCC, pois podem perder seus boxes, tendo em vista que muitos que estão comercializando lá, também possuem mais de um boxe para colocar suas mercadorias.

COMERCIANTE 03: Na opinião do comerciante, do setor de perfumaria, que está com seu comércio há 3 anos, fica feio para a cidade o estado crítico que o mercado se encontra, sendo necessária uma reforma urgente. Para ele, o mercado não proporciona movimentação nenhuma de clientes, o interesse dele é apenas devido ao ponto físico, mas suas vendas acontecem porta a porta. A sugestão dele foi que o poder público poderia simplesmente fazer uma limpeza geral (pintura, trocar o teto, o piso) e deixar a construção e organização dos boxes por conta dos comerciantes.

COMERCIANTE 04: Na opinião do comerciante, que está no espaço há 3 anos, o MCC se encontra sem forças para as vendas, uma realidade que ele não imaginava encontrar, pois antes de ter seu box no mercado, ele possuía um boxe em um Mercado Central no Estado de São Paulo. Assim como o comerciante 03, ele nos afirmou que as vendas dele não dependem unicamente da movimentação do espaço, o mesmo realiza a divulgação de seus serviços e vendas de produtos de forma *online*, por meio das redes sociais. Para ele, além de passar por uma revitalização, dentro do MCC deveria funcionar assim como nas cidades grandes, um serviço público, como por exemplo, a casa da cidadania ou até mesmo um restaurante popular, com o objetivo

de aumentar o fluxo de pessoas e aquecer as vendas locais.

Como podemos concluir, a partir dos depoimentos desses comerciantes entrevistados, que há a necessidade de reformas estruturais urgentes, como a melhoria das condições de trabalho e de comercialização de suas mercadorias. Igualmente, registramos a falta de compromisso do poder público com as instalações do MCC. Ao nosso ver, assim, como manifestado pelos comerciantes, é necessário criar novos atrativos como forma de atrair novos e mais consumidores. Tudo isso evitaria que o MCC fechasse, em definitivo, as suas portas, ou seja, perdendo a sua funcionalidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta presente pesquisa, buscamos realizar uma breve análise das permanências e das transformações ocorridas no Mercado Central da Cidade de Cajazeiras/PB, nosso objeto de estudo e de coleta principal de informações. Para isso, contamos com valiosas contribuições dos comerciantes locais, proprietários de boxes no interior do MCC, muitos dos quais testemunham, há décadas, as transformações desse mercado, bem como vivenciam os inúmeros problemas existentes.

Por meio de conversas informais e entrevistas, foi possível registrar as mais variadas opiniões sobre as condições de trabalho, a precariedade da estrutura física do prédio, os impactos negativos das mudanças na oferta de mercadorias e serviços comercializadas, e, sobretudo, dos impactos negativos do isolamento dos comerciantes que possuem box no interior do MCC, com o fechamento das portas do mercado. Dialogamos com os comerciantes mais antigos, que estão há mais de 45 anos no mercado, como também ouvimos a opinião daqueles que chegaram há pouco tempo.

Durante a pesquisa de campo foram realizados os levantamentos fotográficos, entrevistas com os comerciantes e as observações diretas, procedimentos metodológicos que nos permitiu registrar as várias situações de precariedade em que se encontra o MCC, e que colocam em risco as condições de funcionamento desse equipamento urbano.

Ao longo da pesquisa percebemos que a área do mercado sofreu diversas transformações na sua parte estrutural e que resultaram, ao longo dos anos, numa redução significativa no fluxo de consumidores. De acordo com os depoimentos dos comerciantes mais antigos, a redução significativa no fluxo de vendas se deu por dois motivos: primeiro, pelo aumento da concorrência externa, tendo em vista o aumento do número de estabelecimentos comerciais, assim como a modernização de outros. Segundo, pelo gradativo fechamento das portas laterais, que resultou no 'confinamento' dos comerciantes do/no interior do mercado e comprometeu a visibilidade de seus boxes e mercadorias expostas. Além disso, tanto fechamento, como a precariedade das condições do prédio, podem estar contribuindo para reduzir a atração de novos clientes, bem como para desmotivar a entrada de novos comerciantes.

Nos momentos das conversas informais e/ou das entrevistas com os comerciantes, identificamos que, apesar dos problemas evidenciados, e diante de todas as limitações estruturais que o MCC oferece, o mesmo continua cumprindo sua função socioeconômica. Pois, mesmo de modo muito reduzido, a população ainda consome os poucos serviços e mercadorias comercializadas no interior do MCC, fato que possibilita a geração de renda para os comerciantes do mercado.

Outra questão relevante apontada pelo estudo e pelas observações, é que os comerciantes mais antigos foram se adaptando às transformações da economia, à medida que um item ficava ocioso para venda, rapidamente eles buscavam inovar, desfazendo-se rapidamente de um tipo de mercadoria e adquirindo novas, para comercializar. Essa adaptação confirma o que Santos (2004) apresenta sobre as características fundamentais encontradas no circuito inferior, que a difere significativamente do circuito superior. Além de que, no circuito inferior, predomina uma grande dependência do mercado local, que se ajusta a ele em resposta à demanda.

No que se refere a melhorias, durante a pesquisa, obtivemos respostas unânimes de que, para o MCC continuar cumprindo sua função social e econômica, ele precisa passar por uma reforma estrutural e organizacional, assim como ocorreu em outros mercados públicos no Estado da Paraíba, em especial aqueles que foram revitalizados. Ao nosso ver, o poder público, a partir da prefeitura municipal deve voltar a sua atenção para esse mercado, pois o mesmo apresenta riscos para os comerciantes, bem como precisa urgentemente de uma maior visibilidade, enquanto importante equipamento do setor terciário.

Para além de sua função comercial, uma reforma na estrutura do MCC devolveria à cidade de Cajazeiras um pouco de sua história, já que como vimos, o mercado data do final do século XIX, o que se constitui, para a população local, um patrimônio cultural, carregado de significado tanto para a memória, quanto para a história local da cidade.

Por fim, queremos dizer que este é o primeiro trabalho acadêmico que teve como objeto de estudo o Mercado Central de Cajazeiras, abordando importantes problemas decorrentes das transformações vivenciadas ao longo do tempo. Mesmo de forma empírica, buscamos fazer uma relação com as funções sociais e econômicas, desde a sua instalação até o presente momento.

Assim, estamos cientes de que lacunas podem não ter sido preenchidas. Contudo, esperamos que mais trabalhos abordando o tema possam aparecer, assim poderemos amadurecer a temática, fornecer dados para futuras pesquisas, além de despertar o interesse do poder público na revitalização desse equipamento urbano.

Por fim, esperamos que os dados apresentados neste trabalho de conclusão de curso, sejam utilizados para uma tomada de consciência da sociedade local e do poder público, sobre a importância da preservação da memória e do patrimônio arquitetônico de outras edificações, igualmente ameaçadas de desaparecimento na cidade de Cajazeiras. Assim, acreditamos que se o poder público tivesse impedido o fechamento das portas laterais do mercado, atualmente, a sociedade local disponibilizaria um equipamento comercial reformado, semelhante aos mercados centrais das cidades de São João do Rio do Peixe e São João dos Cordeiros, ambos localizados no estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARUNA – **Antigo Mercado Público.**

Disponível em: <Araruna – Antigo Mercado Público | ipatrimônio (ipatrimonio.org) >.

Acesso em: 29 dez. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.**

Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Art. 216. Disponível em: <

http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf >.

Acesso em: 03 jan. 2023.

CERQUEIRA, Yasminie Midlej Silv'a Farias. **Espaço público e sociabilidade**

urbana. Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade

contemporânea. Yasminie Midlej Silv'a Farias Cerqueira. — Natal, RN, 2013.

SERVILHA; DOULA. **O mercado como um lugar social: as contribuições de**

Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras.

Revista Faz Ciência, v.11, n.13 jan. /Jun. 2009, pp. 123-142.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

COISAS DE CAJAZEIRAS.

Disponível em: < <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/rua-padre-jose-tomaz/>

> Acesso em : 16 jan. 2023.

COSTA, Lunna Chaves. **Metamorfoses do Mercado Público de Montes Claros:**

Mudanças e Permanências / Lunna Chaves Costa. Montes Claros, 2019.

GOVERNO DA PARAÍBA. 2022. Disponível: < João Azevêdo entrega reforma de

mercado público, ônibus escolar e acompanha distribuição de alimentos do PAA em

São João do Rio do Peixe — Governo da Paraíba.> acesso em : 02 jan. 2023.

GALERIA DE GESTORES, 2020. Disponível em: <

<https://www.sjrp.pb.gov.br/galeriagestores.php> > acesso em 04 jan. 2023.

HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS. Disponível em:
<<http://historiacajazeiras.blogspot.com/2014/09/rua-padre-jose-tomas-ruas-de-cajazeiras.html>> Acesso em : 17 jan. 2023.

IPHAN. **Patrimônio Cultural**, 2014. Disponível em :
< <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> >. Acesso em: 27/07/2022

MERCADO CENTRAL DE CAJAZEIRAS SERÁ MODERNIZADO. Diário do Sertão, 2009. Disponível em<<https://www.diariodosertao.com.br/noticias/cidades/100533/mercado-central-de-cajazeiras-sera-modernizado.html> >. Acesso em 17 jan. 2023.

PATRIMÔNIO CULTURAL, IPHAN, 2014. Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218> >. Acesso em: 27 jul. 2022.

PINTAUDI, Silvana Maria, 2006. **OS MERCADOS PÚBLICOS: METAMORFOSES DE UM ESPAÇO NA HISTÓRIA URBANA**. CIDADES, v. 3, n. 5, 2006, p. 81-100

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras-PB: Memórias, políticas públicas e educação patrimonial**/ Eliana de Souza Rolim. – João Pessoa: [s.n], 2010.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: **Fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia**/ Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. – 6. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia urbana dos Países subdesenvolvidos** / Milton Santos; tradução Myrna T. Rego Viana. -2. cd. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Jossandro Araújo da. **Uma análise sócio espacial do mercado público do Bairro da Torre** - João Pessoa, PB / Jossandro Araújo da Silva. – João Pessoa, 2014.

59p.

SÃO JOSÉ DOS CORDEIROS. **A prefeitura vai comemorar a emancipação política com a entrega do novo Mercado Público**, 2020. Disponível em : < Em São José dos Cordeiros, prefeitura vai comemorar emancipação política com entrega do novo Mercado Público | Paraíba Mix >. Acesso em : 04/01/2023.

APÊNDICES

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA COM COMERCIANTES DO MPCC (MERCADO PÚBLICO CENTRAL DE CAJAZEIRAS-PB).

PESQUISADOR (A): Natália Késia de Caldas Oliveira.

TEMA DA PESQUISA: Mercado central de Cajazeiras-PB

PERGUNTAS ABERTAS

- 1- Qual sua idade e escolaridade.
- 2- Quais itens você comercializa no MC.
- 3- Há quanto tempo está aqui no MC?
- 4- O que lhe motivou a colocar o seu empreendimento dentro do MC?
- 5- O que você sabe sobre a história do MC.
- 6- O que é MC para você, enquanto espaço comercial fechado.
- 7- Na sua opinião, o MC contribui para o crescimento dos comerciantes que estão aqui?
- 8- Você vê vantagens em estar aqui? E desvantagens?
- 9- Você considera o MC um bom lugar para se trabalhar?
- 10- O que você acha que poderia melhorar aqui no MC?